

# THORZINHO

Revista Literária

ISSN XXXX-XXXX

Volume I – Núm. 01 – 02 de fevereiro de 2026



Imagem: Christina Ramalho

CONTOS

O Grande Experimentador: As Aventuras de Thor

Luciene Avanzini

PÁGINA 12



Christina Ramalho

# *Palavras aos leitores e às leitoras*

A Revista Thorzinho nasce de um amor que não acaba. Nasce da memória viva de um companheiro que foi muito amado por mim e que jamais será esquecido. Thorzinho não foi apenas um cão; foi presença, cuidado, vigília silenciosa, alegria espalhada pela casa e aconchego nas horas em que o mundo parecia grande demais. Há amores que não se despedem, apenas mudam de forma, e é desse amor que esta revista brota.

Agradeço, com o coração inteiro, a todos os colaboradores que aceitaram o convite para participar da edição número 1. Cada texto aqui é um gesto de delicadeza, um sinal de respeito aos animais e ao meio ambiente, um compromisso com a vida em sua forma mais simples e mais profunda. Vocês ajudaram a transformar saudade em palavra, dor em ternura, lembrança em caminho.

Desejamos que a Thorzinho seja lida por muitos, que atravesse fronteiras invisíveis e chegue aos corações daqueles que não conseguem viver sem o cheiro de uma planta, sem o abraço silencioso de uma árvore, sem a teimosia corajosa de uma flor que insiste em nascer mesmo no chão mais duro. Que alcance, sobretudo, quem entende o amor de quatro patas, esse amor puro, fiel e sem medidas, que nos encanta como um conto de fadas e nos salva nas madrugadas solitárias e brincantes.

Quando tudo se silencia no mundo do faz de conta, ainda há vida pulsando: um cachorrinho late, um gato mia, uma galinha cacareja, e a bicharada inteira faz festa. É nessa festa que acredito, é nela que Thorzinho vive. Imagino-o olhando para todos nós com um sorriso na boca e seu jeito pidão dizendo: “venham sempre aqui, pois não posso ficar sozinho, aumigos”.

Assim como Thorzinho, amo todos os animais, as árvores e as flores. Amo porque viver é cuidar, é proteger, é lembrar que nenhuma vida é pequena demais para merecer respeito e afeto. Que esta revista seja abrigo, memória e esperança. Um lugar onde o amor continue vivo, latindo, florescendo e fazendo morada.

Com afeto e saudade,

**Rosângela Trajano**

Editora-chefe



Christina Ramalho



# Contos

## **Tom ressoou a vida em felicidade: o amor tem quatro patinhas**

Ariane de Medeiros Pereira

Caicó/RN

O dia havia amanhecido convidativo a um passeio; pelas colinas rumei sem pensar em nada, apenas queria esquecer os fantasmas que me atormentavam. Caminhei por horas na natureza que transmitia a paz e a harmonia. A alma começava a se estabilizar com o aroma que sentia e a brisa suave que acariciava a pele e magia da alma.

Em meio ao verde as árvores frondosas ouviam-se ao longe um gemido, parecia um choro ou muito mais que uns grunhidos. O passo adiantei; e as léguas foram diminuindo até chegar aquele som. Nada mais era que um belo cachorrinho a brincar com as borboletas.

Olhamo-nos e o afeto aconteceu como em um passo de magia. Seus olhos eram meigos e buscavam compaixão. Os meus encantaram-se com tamanha formosidade. Ali começamos uma bela amizade; nos recostamos em uma daquelas árvores e passamos a brincar o dia todo. A minha alma se tornou leve e recebeu o carinho que necessitava. O Tom estava feliz - assim chamei o floquinho de quatro patas. Mas, estava ao cair da tarde era o momento exato de voltar para casa. Despedi-me do Tom que me entreolhou com alegria. Não disse muito, mas já havia pensando um bocado.

Quando peguei o caminho do retorno para casa, não voltaria mais solitário. O Tom deu o compasso e comigo passou a rumar. Fomos fortalecendo nossa amizade, nos entendíamos a cada entreolhar. Sabíamos que estávamos a cuidar um do outro naquele belo averiguar. Os dias transcorriam felizes como se a cada dia Tom cuidasse das minhas feridas internas; talvez, não soubesse que o amor que me devotava era a cura da minha alma.

Seguimos nesse bailar da vida entre a cura e a liberdade. Tom me entendia a cada olhar e me orientava a cada amanhecer. De tutora eu não tinha nada, era muito mais o Tom que me cuidava. Com ele descobri novas cores, novos sons e uma bela amizade. Tom cresceu e tornou-se um amiguinho de caráter não gostava de muito zoadas, apenas da simplicidade que a vida experimentava. Brincava ao vento, encantava-se com a borboleta que pousava em seu nariz, com suas patinhas acariciava o solo e sorria encantado para a lua. Com o seu olhar aflagava o meu viver...

Ao longe observava a beleza da vida que aquele belo animalzinho me ensinava com tanto cuidado. Cultivar a felicidade é um traço de serenidade. O sentimento de reciprocidade faz com que o amor nunca se acabe. Assim, foi o meu para com Tom e o de Tom para comigo. Soubemos gestar laços que perduraram até a eternidade.

## A MENINA E OS CAVALOS



Q'Wanay' adorava cavalos. Sempre que podia, estava no alto da colina para acompanhar a corrida do bando pelo vale de Lascaux, na França de 30.000 anos atrás. Ficava triste quando chegava o inverno, pois sabia que seus amigos migrariam dali rumo ao sul menos frio. E radiante quando eles voltavam na primavera. Enquanto isso, homenageava os cavalos com lindas pinturas nas paredes da caverna em que morava. Artes que persistem até hoje, muito tempo depois dos cavalos e da menina.

Elidiomar Ribeiro da Silva

@elidiomar.ribeiro

**Sobre o autor:** Elidiomar Ribeiro da Silva – @elidiomar.ribeiro) – é biólogo formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre e doutor em Ciências Biológicas (modalidade Zoologia) pelo Museu Nacional/UFRJ. Professor e pesquisador do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), é responsável pelo Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural, onde desenvolve projetos de pesquisa e extensão relacionados à zoologia cultural. É criador e organizador do *Colóquio de Zoologia Cultural* e da *Mostra de Biologia Cultural*, editor-adjunto da revista *A Bruxa*, editor do zine *Homem-Leoa*. Além de zoólogo por profissão, é desenhista, contista, cronista, cordelista, haicaísta, poeta, zineiro e flamenguista amador.



Na ida à padaria, no meio do caminho, havia um poodle. Ar assustado, de abandono. Fugiu das meninas, por prevenção.

Tarde seguinte, com igual propósito, elas repetiram o trajeto. Levaram um ‘suborno’ — ração canina. O cão estava quase no mesmo lugar. Aproximaram-se. Pelotas de lama e carrapichos grudados no pelo. Desta vez ele parecia sem forças. A fome devia lhe fazer companhia há tempos. Empanturrrou-se.

— Coitadinho! Disse Renata.

— Será que o pai deixa a gente levar ele lá pra casa? — Questionou Clara, irmã mais nova.

— Acho que não. Você e a mãe são alérgicas.

— E se a gente ficar trazendo comida e água todos os dias?

No terceiro dia, um sábado, o poodle se aproximou sem cerimônia. O movimento de limpador de para-brisas da cauda indicava a simpatia por ambas. Elas, por sua vez, entabularam um plano, mas precisariam do apoio materno.

— Mãe, é só por uns dias, até ele ficar mais fortinho, fala isso pro pai — rogou Clara.

— Depois a gente entrega num lar provisório de cachorros, existem alguns pela cidade.

— Não prometo nada, mas tentar não custa.

Jamais se soube o argumento utilizado, mas a concordância do pai com a hospedagem do poodle até que melhorasse, foi conquistada.

— Pai, eu e Clara cuidamos dele. Vocês não terão nenhum trabalho.

— Quero é ver quando esse bicho fizer cocô e xixi pela casa, se vocês vão manter essa disposição. Nada de sentir nojinho!

— Ele tá cheirando mal. Tem um “petshop” aqui pertinho... — Comentou Renata.

— E quem é que vai pagar por esse banho? — Perguntou o pai.

Um olhar de soslaio da esposa foi suficiente. Ele mesmo emendou:

— Eu mesmo, assim demonstro boa-vontade.

Clandestinamente, o pai criou uma planilha e registrou a primeira despesa. Em momento oportuno, esses dados teriam serventia.

Horas depois, o “sem-teto” era outro. Cheiroso, pelo e unhas aparados.

— O pessoal da loja disse que ele é bem mansinho, nem deu trabalho.

Clara e Renata criaram um cantinho na varanda para ele. Foi terminantemente proibido às meninas levar o animal para a cama delas.

Ainda que espaçosa a varanda não agradava o cão. Ele caminhava de um lado para outro, parecia nervoso. O pai aproximou-se, acariciou-o. Ele, se acalmou e dormiu. A esposa a tudo assistia, calada.

Voltado para o poente, emanava muito calor pelas paredes do apartamento. Todas as janelas estavam arreganhadas, mas o vento parecia estar de folga.

Estresse? Claustrofobia? De repente, o poodle se atirou pela janela da varanda. O estrondo do animal com o teto de um automóvel dois andares abaixo foi seguido do ganido de dor e pelo alarme do carro. Moradores saíram às janelas. O poodle se contorcia; urrava em desespero. Renata e Clara choravam. Minutos depois, a família ia à toda velocidade, rumo a um hospital veterinário.

Prestados os primeiros socorros, o veterinário informou:

— Deslocamento de bacia. Precisar ser operado. Se o procedimento não for realizado, pode ter consequências graves.

— Ele vai morrer? — Perguntou Clara.

— Não, não vai. Cuidaremos dele bem direitinho.

— Clara, Renata, venham comigo. — Chamou a mãe — Seu pai e o veterinário precisam conversar.

Sentindo um misto de arrependimento, raiva e pena, com a planilha criada em mente, a cirurgia foi autorizada pelo pai das meninas.

— O procedimento é demorado. Amanhã cedo vocês podem retornar.

Logo que o astro-rei surgiu, Clara acordou Renata. Ambas chamaram os pais. Diante do veterinário, souberam que a cirurgia fora um sucesso.

— Ele precisará usar essa faixa. Voltem em dez dias só pra garantir. Certeza de que vai ficar novinho em folha.

— Ele ainda não tem nome. Que tal Tobi? — Sugeriu Clara.

— Não, nada de Tobi ou Rex. E tem mais — disse o pai, cheio de razão — o direito de escolher o nome é meu, fui eu quem pagou as despesas, desde que ele pôs as patas em nossa casa. Nem adianta questionar!

— E qual será o nome, “senhor banqueiro”? — Perguntou a esposa.

— Bruce.

— Que nome esquisito é esse, pai?

— Em homenagem à recente desventura desse cachorro; e também ao grande ator Bruce Willis, do filme Duro de Matar. Combina, né?

— Até que o nome é legal – Externou Renata.

— Nosso artista de quatro patas – Confirmou Clara, a sorrir.

Feliz com a aprovação, o pai cantou desafinado para a esposa:

— E o que acha “... *a mulher da criação / Umas vezes nossa amiga, outras nossa perdição / O poder que nos levanta, a força que nos faz cair / Qual de nós ainda não sabe que isso tudo te faz dona...*”<sup>1</sup>

— Se as meninas concordam, tudo bem. Bruce é o mais novo membro da família. Nada mais de ser hóspede! Compraremos uma casinha decente para ele. Deixá-lo na varanda, nunca mais! — Decidiu “a dona”.

Bem mais tarde, quando as meninas e Bruce dormiam, o casal extenuado a saborear as peripécias empreendidas há pouco, conversava:

— Reconheça, amor, a escolha do nome Bruce foi brilhante!

A esposa sorriu, deu-lhe um longo beijo e desejou boa noite.

=====



**Obs.:** imagem gerada por IA, no aparelho Motorola Edge 60

(<sup>1</sup>) *Trecho da canção “Dona” (Sá e Guarabyra)*

#### **Pequena biografia do autor:**

Evandro Valentim de Melo é escritor brasileiro. Detentor de vários prêmios em concursos literários nas categorias microconto, crônica, conto, poema, e-book e livro impresso. Participante assíduo em antologias e periódicos.

Idealizador e organizador do Concurso Literário Beleza e Simplicidade em Contos e Crônicas, que chegou à 7ª edição consecutiva em 2025. *Breves infinitos: vidas em contos e encontros* (Tagore Editora, 2025) é seu mais recente livro.

#### **Redes sociais:**

Facebook:

- <https://www.facebook.com/evandro.valentimdemelo>

Instagram:

- <https://www.instagram.com/evandrovalentimdemelo>
- <https://www.instagram.com/concursobezezaesimplicidade/>

Joema Carvalho é engenheira florestal, doutora e escritora. Autora dos livros Crônicas de Uma Jornada Florestal (2024) e Luas & Hormônios (2010; 2020), coautora do livro Entre Botânicas Decoloniais: As frutas silvestres de H. D. Thoreau e as frutas brasileiras (2022), organizadora e autora do Tuíra eBook (2020) e impresso (2022). Colunista do Facetubes. Participou de coletâneas nacionais e internacionais e de projetos literários. Membro da Academia Poética Brasileira – APB e da Academia Brasileira de Letras Seccional Paraná-ABL.

## A SOMBRA QUE ME FALTA

Joema Carvalho

No momento de som pleno, no momento de maior intensidade de luz, a sombra está no ápice dela. Ela não estava lá. Não surgiu mais. A luz secou meus olhos.

O vento era intenso. Movia o tempo na sua passagem. Fechava mais um ciclo.

A vida era assim.

O vento não engana.

O tempo e o vento preenchem o meu vazio.

No redemoinho dos acontecimentos, se marca a passagem do tempo. Não é possível a consciência do fluxo de energia neste momento. Rodamos na sua intensidade.

Minha sombra sempre presente me deixou.

Compôs o polígono e fechou a figura geométrica necessária a existência.

O sentimento é a língua universal entre todos os seres, sem distinção de expressão e forma. Uma família se constitui por semelhantes.

A frequência mudou. O ciclo próprio de cada um. Minha sombra tinha o dela.

A incerteza e a inconstância nos preparam para o deixar ir. Ficamos melhor sem a posse.

O deixar ir atrai as realizações que nutrem o que devemos ser. Elas são livres e fluidas.

Quem parte, carrega consigo o vazio absoluto. A mala não é pesada. Não se tem a chance do retorno.

A sombra minha partiu. No ponto exato do tempo dela. Não sobrou nenhuma gota de mais nem de menos. Ela foi espremida de todas as formas.

Antes de ir, em definitivo, veio me visitar. Senti a sua presença. A sombra era luz plena e teve a sensibilidade de se despedir. Eu precisei senti-la novamente. Ela entendeu. Todas as palavras necessárias foram não ditas.

Ficou um tempo em meus braços.

Aos poucos se retirou. Eu deixei.

Contato:

[https://www.instagram.com/joemacarvalho\\_literatura](https://www.instagram.com/joemacarvalho_literatura)

<https://www.facebook.com/joema.literatura>

Livro da autora

Luas & Hormônios

<https://www.amazon.com.br/Luas-Horm%C3%B4nios-Joema-Carvalho-ebook/dp/B08P1Z987P>

Crônicas de Uma Jornada Florestal (em português e em espanhol)

<https://caravanagrupoeditorial.com.br/produto/cronicas-de-uma-jornada-florestal/>

<https://caravanagrupoeditorial.com.br/produto/cronicas-de-una-jornada-florestal/>

Imagem da autora



## O Grande Experimentador: As Aventuras de Thor

Thor era um buldogue francês de pelagem mosqueada em tons marrom, preto e branco, com orelhas de morcego sempre alertas e olhos escuros e redondos que brilhavam com insaciável curiosidade. Desde filhote, ele possuía uma filosofia simples: o mundo existia para ser experimentado literalmente pela boca.

Naquela manhã ensolarada, Thor despertou em sua cama azul-turquesa com a mesma determinação de um cientista prestes a iniciar uma série de experimentos cruciais. Seu rabinho curtinho girava como hélice de helicóptero enquanto ele percorria a casa em busca de novas descobertas gustativas.

Primeiro experimento: O chinelo azul.

Textura: borrachosa com detalhes felpudos.

Sabor: salgado com notas de suor humano.

Conclusão: satisfatório, mas já conhecido. Precisava de novidade.

“Thor! Não nesse chinelo de novo!” gritou Rosa, sua humana, arrancando delicadamente o calçado de sua boca.

Thor a olhou com expressão de pesquisador incompreendido e partiu para sua próxima amostra.

Segundo experimento: O controle remoto.

Textura: plástica com botões que faziam clique-claque delicioso entre os dentes.

Sabor: metálico com um toque de pipoca (das sessões de cinema em família).

Conclusão: promissor, mas de difícil digestão teórica.

“Menino, larga isso!” Rosa resgatou o controle, agora marcado por sulcos dentários.

Thor suspirou. A humanidade nunca entenderia o avanço científico. Decidiu então explorar o território inexplorado: o quintal.

Lá, encontrou seu maior desafio até então.

Objeto não catalogado: A planta suspensa.

Era verde, pendurada, com folhas que balançavam sedutoramente. Thor ergueu-se nas patas traseiras, focinho farejador em ação máximo.

Textura: folhas macias, terra úmida, vaso de cerâmica áspera.

Sabor: terroso com notas herbáceas e... ESPINHOS!

“Ai!” Thor recuou, cuspidando um pequeno espinho que grudara em sua língua. A planta revelara-se traiçoeira.

Foi então que seu olhar caiu sobre o verdadeiro Santo Graal científico: uma cesta de lavanderia transbordando de possibilidades têxteis não mapeadas.

Com agilidade surpreendente para suas patas curtas, Thor puxou uma peça específica: o casaco novo de Rosa, de algodão cru.

Experimento supremo: O casaco de algodão

Textura: macia como, fios que desfiavam entre os dentes como spaghetti.

Sabor: novo, com nuances de loja de departamentos e um toque do perfume de Rosa.

Conclusão: obra-prima gustativo-tátil!

Thor rolou sobre o casaco, mordiscou as mangas, enterrou o focinho nas profundezas dos bolsos. Foi em um desses bolsos que fez sua maior descoberta: um pacote pequeno e colorido.

Objeto misterioso: Pacote metalizado com desenhos.

Thor sacudiu a cabeça. O objeto fazia ruído intrigante. Com cuidado cirúrgico, posicionou-o entre as patas dianteiras e aplicou pressão dentária precisa.

POP!

Um conteúdo pastoso e marrom explodiu em seu focinho. Thor ficou imóvel por um segundo, processando.

Textura: cremosa, grudenta.

Sabor: doce, muito doce, com notas de chocolate e... café?

Era uma sobremesa instantânea que Rosa trouxera do trabalho. Thor lambeu o focinho, os olhos arregalados em descoberta transcendental. Delicioso!

Mas então, o efeito colateral começou.

Primeiro, uma energia estranha percorreu suas patinhas. Depois, uma necessidade irresistível de correr. Thor disparou pela sala, girando em círculos, subindo no sofá, descendo, pegando seu brinquedo de borracha e sacudindo-o freneticamente.

Quando Rosa voltou à sala, encontrou o caos: terra da planta espalhada, o casaco novo transformado em tapetes decorativos, e Thor rodopiando como pião após consumir três expressos duplos.

“Oh, Thor...” disse ela, mas não conseguiu conter o riso ao ver seu buldogue francês tentando perseguir o próprio rabo com fervor inédito.

O experimentador tinha descoberto acidentalmente açúcar e cafeína.

Aquela noite, após os efeitos passarem e Thor ter sido banhado (outra experiência sensorial que ele classificava como “necessária mas desagradável”), ele se aninhou no colo de Rosa no sofá.

Ela acariciava suas orelhas macias. “Você é um pequeno cientista louco, sabia?”

Thor bocejou, exausto de suas descobertas diárias. Seus olhos pesavam. Em sua mente canina, ele revisava os dados coletados: chinelo (3/10), controle (5/10), planta (2/10 com alerta de perigo), casaco (8/10), substância doce misteriosa (10/10 mas com efeitos colaterais extremos).

Antes de adormecer, seu focinho captou um último estímulo: o cheiro de pipoca vindo da cozinha. Seu rabo deu um leve espasmo.

Amanhã haveria mais experimentos. O mundo era um banquete de sensações, e Thor, o buldogue francês, estava determinado a prová-lo inteiro — uma mordida de cada vez.

Luciene Avanzini

Jan/2026

## Meu amigo Salsicha

Na fazenda Ribeirão Azul os dias começavam cedo, as quatro da manhã as vacas já estavam esperando para tirar leite e também ganhar uma comida logo no amanhecer, podia ser um pasto bem fresquinho misturado com alguns nutrientes para ficar ainda mais saboroso. A fila era tranquila, no entanto elas se aglomeravam para chegar primeiro na cobertura do barracão que até em dias de chuva era uma boa opção.

Os cuidadores da fazenda e dos animais começavam o trabalho em companhia dos cães da casa, os três cachorrinhos despertavam no alvorecer para irem juntos na ordenha e acabavam por ganhar um pouco de leite, pois sempre era muito abundante a produção na fazenda Ribeirão.

Um dos cachorros da raça dachshund ou teckel, o famoso cão-salsicha, uma raça de cães oriunda da Alemanha, era o mais levado, sempre atento e louco para ser amado por seus cuidadores, buscava chamar a atenção e também respeitar seus instintos que lhe diziam para agitar a galera e a coleta de leite. Era vaca pra lá, vaca pra cá e Salsicha estava lá, era ele quem fazia com que as vacas mudassem de lugar, mas tudo dava certo e no fim do manuseio e até antes do sol aparecer já chegava o caminhão do leite para recolher tudo que havia sido coletado, muito limpinho do jeito que saía da vaca o leite seguia seu caminho até muitas casas, escolas, creches e tantos lugares quanto fossem as pessoas a viver.

Na fazenda o dia a dia era calmo, depois que o caminhão pegava o leite as vacas voltavam ao pasto e livre ficavam a escolher o que fazer, e os três cachorros pareciam ter trabalhado, porque já estavam cansados dormindo no amanhecer, mas assim que sentiam o cheirinho do café, o barulho dos ovos frigindo no fogo ou ainda o cheirinho do bolo de milho, corriam para a porta da dona Clara que cuidava de tudo na sua casa. E bem recebidos esperavam o que iriam ganhar naquele café da manhã, não importava o que fosse ficavam satisfeitos e então saiam juntos com o peão trabalhar mais um pouco.

Os cachorrinhos do Ribeirão adoravam uma diversão, poderia ser seguir os cavalos, ver o trem mais abaixo da colina ou ir até algum dos rios e riachos para brincar. As mesmas preferências dos humanos pareciam ser a dos cachorrinhos que espertos depois desse passeio matinal já estavam a esperar o almoço. Subiam até a casa antes mesmo de ficar pronto para poder sentir os aromas e temperos do preparo que aguçam o paladar.

A tarde chegava rápido, logo após o almoço iam procurar o que fazer, numa aventura só deles agora preferiam viver façanhas caninas, a não ser que algo interessante viesse a acontecer, como um descarregamento de insumos, a chegada de algum animal novo, um boa compra

de supermercado ou o melhor de todos: quando os donos da fazenda chegavam, nessa hora tudo parava e a atenção era somente para os humanos mais amados por eles, o sentimento era o mesmo vindo dos proprietários do Ribeirão, a família era toda muito carinhosa, atenciosa, cuidadosa e amorosa com todos os bichos da fazenda, todavia o amor pelos cachorrinhos era ainda maior e sempre traziam além da presença que irradiava carinho, também petiscos, quitutes, gostosuras e brinquedinhos, qualquer coisa que pudesse fazê-los ainda mais felizes e que demonstrasse o quanto aqueles animaizinhos eram especiais para eles.

Como a fazenda ficava localizada no interior do Paraná, quando era época de pinhão a diversão era ainda maior, os três cachorros e seus humanos preferidos iam passear nas terras que cercavam o casarão e sempre colhiam pinhão, o Salsinha ia na frente e já mostrava onde estava a pinha caída no chão, para eles era o suficiente, a terra abundante deixava aos pés dos grandes pinheiros muitos frutos frescos e maduros e as sementes logo mais seriam sapecadas no fogo.

Esse ritual campeiro era o ponto alto da vida dos cachorrinhos, mesmo sendo apreciado muito mais pelos humanos, ainda assim a fogueira, o clima quase sempre mais frio por ser outono e inverno e o carinho que seus cuidadores lhe davam enquanto esperavam ficar prontas as sementes sapecadas, faziam a magia que movia todos da fazenda naquele período da estação.

As vacas continuavam suas rotinas, mesmo os donos da fazenda não estando lá, tudo seguia sem parar. Quando se está na fazenda a admiração pela natureza e amizade com os animais acontece naturalmente, mas as vezes alguns animais que não são de estimação também se revelam nessa interação.

Muitas vezes quando os donos chegavam na fazenda Ribeirão Azul uma vaca em especial chamava a atenção, ao ver o veículo ao longe abrindo a porteira, só ela dentre todas se interessava e correndo vinha em direção ao portão do casarão, demorava pouco e os humanos estavam lá, na hora da descida do carro acontecia algo espetacular, a vaca vinha com a intenção de participar, nisso o Salsicha ficava a retrucar, o amado cão não queria que uma vaca viesse disputar sua atenção, queria tudo pra ele, o carinho e o pão, isso mesmo, depois que os humanos viram tanta interação da vaca, passaram a notá-la e como retribuição lhe davam um pão, nisso a disputa começava: o Salsicha queria tudo só pra ele e espantava com latidos e bramidos a vaca do portão. Os humanos não queriam isso e gostariam que todos vivessem em união, mas para quem conhece um dachshund minado, sabe que para ele o que vale é a persuasão, sempre repetia a mesma atitude tentando espantar a vaca desse momento de chegada que ele queria só pra ele. Mas os humanos gostaram dessa intenção da vaca de ficar amiga, interessada, e passaram a chamar-lhe de Charlote.

Charlotte era branca e bem grande e provavelmente liderava o grupo de vacas, já que até com humanos tinha boa relação, quando ia receber os donos no portão também queria agrado no seu rosto, gostava de carícias, porém o Salsicha ficava ainda mais bravo quando via que além de pão também ganhava atenção.

Tudo mudou quando chegou na fazenda, no sol forte do fim da tarde, um caminhão lotado de porcos, logo o Salsicha chamou seu colegas cães e foram espiar, compreenderam o porquê da construção de um novo barracão, um pouco pequeno pela sua visão, comparado com a galpão das vacas, entretanto tinha dado trabalho para o pessoal da fazenda, que levou uma semana para concluí-lo. Desta vez, quem descia do caminhão eram muitos porquinhos barulhentos, que logo foram descansar no pequeno barracão. E assim os cachorrinhos passaram a acompanhar a adaptação dos novos moradores que adoravam comer de tudo.

Passados os primeiros dias, tudo estava conforme a normalidade, os cachorros cuidavam dos porcos e das vacas e nas horas vagas brincavam e se divertiam, e quando chegava os donos da fazenda, a atenção era somente para eles. Desta vez quando chegaram, como sempre Charlotte veio correndo de encontro e esperou no portão e os cachorrinhos também, entusiasmados e com os olhinhos brilhantes esperavam os afagos e benefícios que seus protetores lhe davam com muito prazer.

Mas nesse dia não houve briga e Salsicha parecia não ligar para a presença de Charlotte nessa chegada tão disputada. Dona Clara contou que depois da chegada dos porcos o invocado Salsinha deixou de cismar com a vaca e passou a se preocupar com os porquinhos, que pareciam até gostar de tanto cuidado, acabavam sentido proteção contra os predadores, pois, qualquer alteração os cachorros já davam o alerta para o peão da fazenda, que cuidava de tudo com muita dedicação.

Depois de um tempo, todos perceberam que Salsicha havia ficado amigo da Charlotte. Isso foi ótimo, agora quando chegavam os donos da Fazenda Ribeirão não ocorriam mais brigas entre Charlotte e Salsicha e os animaizinhos mais queridos ficavam juntos, e sem demora a vaquinha amada saía para continuar seus afazeres diários e o Salsicha ficava com os amigos humanos só para ele. E logo vinha a nova temporada de inverno com muito pinhão e diversão para alegrar aqueles corações.

## Minibiografia

Silvane Silveira Fernandes, paranaense, advogada, escritora, pós-graduada pela Escola da Magistratura do Paraná (EMAP). Casada é mãe de uma menina de 13 e um menino de 7 anos. Adora ler para seus filhos e através do amor pela literatura passou a escrever histórias infantis, autora dos livros “Sauí, o mico-leão-dourado” e “A casa do João-de-Barro”, 2025, pela Editora Frutificando – Rio de Janeiro. Publicou em 2024 o livro Um romance em Marselha, pela Editora Proverbo – Maricá/RJ e em 2025 dois livros de poesia: Luminar – Amálgama Essência, Vinca Literária Editora – Rio de Janeiro e Poética Letra – Poemas e Versos, Kotter Editorial, Curitiba/PR. Seus poemas e contos foram publicados em mais de 40 antologias. A autora tem textos divulgados em revistas literárias no Brasil e no exterior, entre elas Ruído Manifesto, Autorretratos, Navalhista e The Bard. Foi premiada em 2º lugar no VI Concurso Literário Modalidade Poetrix – Prêmio Carla de Faria, Grupo Ciranda Poetrix e em 9º lugar no Prêmio Brunsmarck de Literatura 2025, Editora Brunsmarck.

@silvanesilfernandes





# Crônicas

Sempre vi os gatos como “bichos cercados de garras por todos os lados”. Apesar de lhes admirar a beleza, fotografá-los em poses diversas, ter um gato ou uma gata, definitivamente, parecia algo incongruente com meu modo de ser e de sentir.

O mistério dos gatos jamais me fascinou a ponto de deseja-los inseridos no meu dia-a-dia. Ao contrário, a transparência dos cães, sim, motivava-me, afinal, é realmente prazeroso contar com a fidelidade de nossos cães quando o mundo tem sido tão “infel” a nossos sonhos.

Todavia, a vida, com suas surpresas, trouxe-nos Mia. Ela veio após duas experiências com cães. Apesar de não ser muito afeita às rotinas que os animais domésticos nos impõem, acredito que a infância, acompanhada de um animal doméstico, é mais intensa e significativa. Por isso, quando Gabi e Isa começaram a se interessar por animais, não hesitei: “sim”.

A primeira cachorrinha que tivemos, Fifi, uma poodle branca e bem magrinha, morreu aos sete anos, deixando um vazio em nossa casa. Ela era delicada como uma “cachorrinha de madame”, mas não a tratávamos com “frescuras”. Ela era “fresca” por natureza. Após fazer xixi, levantava uma das patinhas e saltitava com a outra para não “tocar” na “sujeira”... Quando tomava banho, parecia ganhar “ares de superioridade” com seu lacinho e seus pompons. Mas era igualmente inteligente. Sabia, por exemplo, abrir minha bolsa quando percebia haver balas ou chocolates lá dentro. Às vezes, à noite, subia sorratamente em nossas camas, enroscava-se no cobertor e por lá ficava até ser descoberta. Seu único defeito: latir insistentemente quando algum barulho do lado de fora surgia. Nada adequado para um cão de apartamento... Um dia, quando estávamos viajando, ela teve uma crise hepática e morreu em poucas horas.

Choramos as três, em meio à culpa (afinal não estávamos por perto) e à saudade (talvez ali nós tivéssemos nos dado conta claramente de sua importância em nosso cotidiano). Bem, como a infância já tinha se transformado em “pré-adolescência”, sentenciei: “Chega de animais!”

Sentença revogada. A pedido das filhas e, confesso, mortalmente atingida por uma paixão à primeira vista (ou à primeira vitrine), dois meses depois, providenciei outra cadelinha: Nina, uma beagle linda e levadíssima, que quase me levou ao desespero com sua correria, sua fome, seu jeito estabanado. Olhava para ela e me via em sua companhia quando as meninas já estivessem em suas próprias casas. Mas sua determinada teimosia e desobediência às “normas de higiene” da casa me diziam que essa “longa convivência” estava bem longe de ser possível. Fotografei, filmei, comprei acessórios, brinquedos, caminha, etc. e tal. Mas... Não! A imundície invadira meu lindo apartamento. Dei fim àquela tortura e, com o coração partido, entreguei Nina para uma pessoa apaixonada pela raça, que até hoje a trata com delicadeza e ternura admiráveis. Consenso familiar: chega de bichos.

Consenso revogado. A mais nova quer um gato. Gato? Pensei. Gato é meu signo no horóscopo chinês... E daí? Os gatos são belos e comportados. Gatos não sujam tudo. Não necessitam de “faxina semanal”. Por favor, mãe. Eu cuido. Eu limpo. Gato? Lembrei-me do Gato de Botas (espertíssimo), da egípcia gata-deusa Sakhmet-Bastet, dos gatos da sorte orientais, do gato preto pronto a cruzar os caminhos dos desavisados, do Gato Félix, do Garfield, dos Aristogatas, do Tom... Mas e as unhas? E as doenças? E a toxoplasmose? Não é esse o

nome da doença que podem transmitir? Não. Não. Sim. Não. Sim. Não sei. Talvez. Depende. São necessárias maiores informações. Não entendo de gatos. Gato ou gata? Onde? Comprar, nunca! Já gastei demais com Fifi e Nina. E as unhas? Ai, ai, ai...

Operação adoção. Internet. Gatinha abandonada no Campo de Santana procura lar. E lá fomos nós, eu e a caçula (a mais velha não concordava muito com aquela “novidade”), visitar o “orfanato” de gatos mantido por uma veterinária consciente. Lá estava ela. Olhou-nos com seus verdes enigmáticos. Ficamos sabendo: “É exclusivista. Não poderão ter outros, pois ela é ciumenta!” Levamos. Eu sequer sabia como pegar, carregar, alimentar, mexer, etc. Minha filha estava encantada. Sempre ficam. Vamos lá. Veterinário. Compras. Compras. Janelas e portas fechadas. Medo das unhas.

Depois de alguns arranhõezinhos, que pouquíssimo incomodam, a decisão: o nome será “Mia”. O miado, de fato, era uma novidade em nossas vidas. Aliás, curiosamente, miado não é um som, são muitos e variados. Quando Mia mia, conversa. Está sempre perto de nós. Não resiste a qualquer tipo de cadarço, corda, barbante. Pegase neles imediatamente. Limpíssima, usou a caixinha de areia assim que a viu instalada perto da máquina de lavar. Gulosa, devora sua ração, mas não se interessa por nossa comida, com exceção dos iogurtes, uma vez que a mais velha (já interessada...) resolver lhe permitir uma lambidinha na tampa do “Bliss”... Se Mia nos vê com um iogurte na mão, imediatamente se aproxima, tentando ganhar colo. Aliás, colo é uma exigência. É praticamente impossível sentar no sofá sem ver meu colo invadido por ela, que, sem cerimônia alguma, enrosca-se em nós como um bebê.

Há, entretanto, um algo mais em Mia que me é, particularmente, significativo. Ela não pode ver uma bolsa ou um saco. Imediatamente se enfia nela ou nele e fica por lá, quietinha. Às vezes, ao chegar do supermercado, provoço sua reação. Deixo um saco no chão e espero. Dito e feito. Enfia-se lá, misteriosa em seu gesto. Penso. Será carência ou desejo de partir?

Talvez essa metáfora de Mia seja o que nela mais me comove. Na dúvida entre seu estado de carência e seu espírito de aventura, vejo a mim mesma. Como um espelho. Os verdes olhos de Mia se fizeram espelho. E, em função dela, tenho andado a pensar como andam misteriosos os caminhos de meu próprio amadurecimento.

(publicada no e-book de minha autoria *Catimbó*. Disponível em <https://www.ramalhochris.com/livros-books-livres-libros>)

## CUIDEM DOS CÃES

Estava vindo do hospital por volta do meio-dia. Calor danado, sol forte. Sai de um apartamento uma mulher com o cão de grande porte. Não hesitei em falar: “*Coitado, está muito sol, a patinha dele é igual a nossa mão*” e mostrei a palma da mão. Ela respondeu: “*Vou pela sombra, ele vai fazer as necessidades*”. Vi pouquíssimas sombras... Aí desejei Feliz Ano Novo, mais para o cachorro. Deveria haver uma lei proibindo canzarrão em apartamento, eles necessitam de espaço para correr. Estão sempre presos em coleiras...

**Ilmar Ribeiro da Silva**

**ilmarribeiro@yahoo.com.br**

**Sobre a autora:** Ilmar Ribeiro da Silva é carioca, professora aposentada do antigo ensino primário. Lecionou na Escola Municipal Irineu Marinho, onde colaborou, por décadas, para a alfabetização de centenas de crianças.



## A despedida de Tiri

O meu pai nasceu em Kumamoto, no Japão, e emigrou para o Brasil com três anos e meio de idade. Foi morar em um sítio no Distrito de Paz Comandante Árbues, atual cidade de Mirandópolis, até a idade de dezesseis anos. Os seus pais e todos os filhos cultivavam hortaliças para consumo próprio e mantinham um cafezal plantado por eles. A vida no sítio pode parecer glamourosa, mas viver da terra é levar uma vida de sacrifícios. Levantar cedo para ir cuidar do cafezal, almoçar no campo e retornar ao final do dia. Era comum os sitiantes terem cachorros em suas propriedades, que alertavam com latidos a presença de animais selvagens, comuns naquela época, e de possíveis visitas de amigos, vizinhos e parentes, e também daquelas que eram inapropriadas. No sítio dos meus avós não era diferente e eles tinham um cachorro chamado Tiri.

Aos dezesseis anos, em 1940, o meu pai foi morar em Araçatuba para ser aprendiz de alfaiate. Após cinco anos, já com a profissão de alfaiate, retornou para Mirandópolis e abriu a sua própria alfaiataria na Rua Rafael Pereira nº 644.



Alfaiataria do meu pai (primeiro à esquerda), 1946.

A sua rotina era sair cedo do sítio, ir a pé até a sua alfaiataria na cidade e trabalhar até a hora do almoço. Ia até o hotel próximo para pegar uma marmita para almoçar e continuar o trabalho à tarde. Ao final da tarde, retornava para o sítio.

Ele se casou com a minha mãe em 1946, e foi morar na cidade. Assim, mudou a sua rotina, que agora ia de casa até a alfaiataria, almoçava em casa e depois retornava ao trabalho.

Em uma ocasião, o meu pai estava trabalhando e o cachorro Tiri chegou na Alfaiataria, abanando o rabo. Ele se lembra que o cachorro estava com as unhas bem compridas, talvez pelo fato de andar somente na terra, no sítio. O meu pai achou incrível Tiri ter encontrado a alfaiataria, pois ele nunca tinha ido até a cidade. Tiri já era idoso, o meu pai deu água para

ele tomar e fez afagos em sua cabeça, pois ele sempre gostou de cachorro. Tiri, depois de um pequeno descanso, pegou lentamente o caminho de terra e nunca mais foi visto. O meu pai acredita que Tiri foi se despedir dele, percorrendo um longo caminho, de cerca de dois quilômetros, entre o sítio e a Alfaiataria, antes de morrer.

Massanori Takaki - Gramado, RS

Escritor e roteirista, graduado pela UNICAMP, com mestrado e doutorado pela UNIFESP, doutorado sanduíche na Universidade de Newcastle-upon-Tyne, Inglaterra, e pós-doutorados na Universidade de Wageningen, Holanda. Lecionou durante 35 anos na UNESP. Tem Lato sensu em Cinema e Linguagem Audiovisual e MBA em Jornalismo Digital pela UNESA. Possui publicações de contos e crônicas, e de livros independentes.

## **A Promoção do Totó**

A Vida de cão pode ser usada como uma expressão que transita entre a miséria e o puro privilégio doméstico, dependendo de quem conta a história. No sentido clássico e literário, o termo evoca uma existência de submissão e dureza.

Antigamente, o termo “vida de cão” era o fundo do poço. Significava comer o que sobrava, dormir no sereno e latir para a própria sombra para justificar o pão seco. O cão era o funcionário do mês de uma empresa que não pagava FGTS. Ainda bem, graças a Deus que isso, mudou e agora ele leva uma vida de rei, mudou da água para o vinho.

Hoje, o jogo virou. Entro na sala e encontro o herdeiro de quatro patas refestelado no sofá de linho, com o pescoço estrategicamente posicionado sob o fluxo do ar-condicionado. Ele me olha com aquele desdém de quem sabe que eu acabei enfrentar duas horas de trânsito para pagar o plano de saúde dele. Para quem vivia só para a segurança da casa, agora até plano de saúde tem. Nada como ter uma qualidade de vida bem mais digna e com muito bem-estar.

A “vida de cão” moderna inclui creche com recreação monitorada, consultas com psicólogo animal e uma dieta tão balanceada que faz meu miojo de ontem parecer lixo tóxico. Enquanto eu conto os centavos no app do banco, ele decide se vai ignorar o brinquedo de borracha importada ou se vai destruí-lo em cinco minutos para me obrigar a ir ao shopping. Ele tem uma vida melhor que a minha e merece depois de tanto desprezo e sofrimento, tudo de bom e de melhor, direitos iguais também para os animais que são mais humanizados e com empatia do que os seres legalmente humanos.

No fim das contas, a expressão continua valendo, mas agora como meta de vida. Se alguém me chamar para ter uma “vida de cão” hoje, eu só pergunto: “Tem petisco de frango ou vai ser só ração premium?”

Pego ele na hora e coloca na caixinha ou em uma malinha, mas levo pra minha casa na hora. Tiro das ruas e do mundo das drogas mas não deixo comer sujeira e nem deixo servir como benefício para pedir esmolas. Na presença dele nunca mais passei dores e magoas, pelo contrario sempre tive mais amores e ganhei mais flores, fiz historia, guardei memorias e ganhei vitorias . ele foi apenas o primeiro de muito, que mudou a minha vida e o meu tempo, melhorou o meu sustento.

Então podemos concluir, que vida de cão ou de qualquer pet merece ter suas mudanças, um melhor resultado e significado.

## **O Relógio de Pelos**

E você já viu por acaso alguém relógio tão fofinho, tão bonitinho e tão diferente? um relógio que não precisa de pilha e nem bateria ,um relógio que não ocupado espaço e nem é perda de tempo mas envolve muito sentimento, e acolhimento, remédio para um vida inteira que muito brilha e contagia.

Dizem que os cães não entendem o tempo, mas eles são os únicos que o marcam com precisão absoluta. Não precisam de ponteiros. A “vida de cão” é medida em rituais: o som da chave na fechadura que interrompe a eternidade da espera, o cheiro da chuva chegando antes mesmo da primeira gota, e o calor que eles deixam no tapete quando o sol muda de posição na sala. Eles não vivem o amanhã; eles vivem o “agora” com uma intensidade que nos cansa. Enquanto nos preocupamos com boletos, eles se preocupam se o carinho atrás da orelha vai durar mais dez segundos. No fundo, a melancolia da vida de um cão não está na brevidade de seus anos, mas na nossa incapacidade de aprender com eles que a felicidade é apenas um rabo abanando por nada.

São seres bem sensitivos e queridos, que avisam os seus donos sobre os perigos e riscos antecipadamente. Não se preocupam se você é rico ou pobre, empregado ou desempregado, está zangado triste ou animado, ele só quer um afagado, só quer passear, comer, brincar, fazer você de alguma forma ficar alegre e feliz como eles estão e sempre são.

A vida de um cão pode ser de luxo, ou mais simples, pode ser muito longa, ou bem curta, mas de preferencia precisar ser bem saudável , tomar vacinas em dia, mesmo que seja gratuita, visitas anuais no veterinário, passeios diários ou semanais, alimentação adequada e etc.

O cão de ser bem abrigado no seu lar, e ele é quem é o dono da casa, e não a visita querer dominar. Seja como cão ou como gato, todo pet precisa ser amado e bem guardado. No caso de uma herança, como citado anteriormente, o dono do cão deve ser bem qualificado, porque infelizmente um cãozinho não pode assumir esse compromisso com a partida do seu amado e tão zeloso dono, o seu bem mais precioso e quando é o contrario também, se o cão vai primeiro, o dono não quer mais viver pois perdeu o seu melhor amigo, o seu psicólogo , por isso aqui, neste mundo tão cruel, não vale a pena continuar vivo.

Atualmente, vemos isso acontecer no jornal, muito morrem dentro de aviões sem o mínimo cuidado e ninguém é punido, ao menos pagam uma multa e acham que está tudo resolvido e não está não , regras precisam ser mais rígidas e os antigos donos bem indenizados por anos, e pelos anos de vida do bichinho , do filhinho também, quando o criminoso não foge

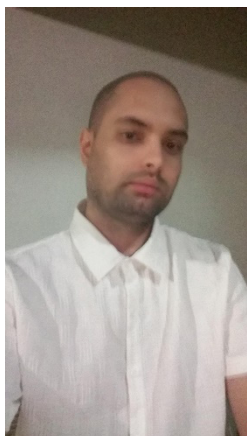
para outro país e começa a rir e se divertir, é um descaso total e bem humilhando, como se desse uma banana para o seu país de origem e soubesse que ter dinheiro gera bons benefícios e você nunca será punido por ter muito dinheiro estuda e ser bem sucedido. Esse sistema precisa mudar e a punição ser mais branda, mais rigorosa e com mais de dez anos e sem pagamento para saidinha.

Conclui-se assim, que enquanto acontecer impunidades e direitos de sair pra quem não merece, o crime mais e mais cresce e não estamos falando em momento algum, sobre partidos políticos, mas sabemos realmente o que funciona e o que não, sabemos de verdade quem luta por vida e quem causa mortes, quem quer mudanças e direitos iguais e quem não move uma palha, quem é justo e quem só quer guerras e próprios benefícios principalmente para os seus filhos porque o relógio não vai parar mas tudo logo logo vai se acertar.

Renan Oliver

E-MAIL : [renanfondeloo@gmail.com](mailto:renanfondeloo@gmail.com)

Escreve desde o quinze anos e já foi participante de outras antologias poéticas, Possui um canal literário no youtube onde fala sobre os poemas e contos que já escreveu e o seu amor pela leitura e os livros. É também professor formando em letras e pedagogia.





# Fábulas

## A COBRA E A CENTOPEIA

Ana Paula Silva Marques  
Universidade Federal Fluminense - UFF  
paula\_marques@id.uff.br

Certo dia em uma floresta exuberante havia uma cobra e uma centopeia. Ambas muito espertas! O dia estava ensolarado, o que as fez chamar atenção para uma árvore centenária que ali crescera. As duas ficaram surpresas com a sua grandeza e se perguntaram se conseguiriam chegar ao topo.

A Cobra, como era confiante e ótima escaladora, logo disse:

- Mas é claro, imagina só! Isso vai ser moleza!

A centopeia olhou para suas perninhas, que eram tão pequeninas, porém numerosas, e disse:

- Mas é claro que não! Eu que irei ganhar, olha só minhas centenas de pernas, isso já me faz campeã!

E a centopeia, lá no seu íntimo dizia:

- Isso não vão dar certo... vou acabar tropeçando!

E lá foram elas: ao mesmo tempo começaram a subir. A cobra, como de costume, subiu rápido, já rindo e debochando da cara centopeia, e logo disse:

- Viu só como é fácil! Olhe e aprenda comigo: sou a rainha da escalada! Hahahaha

Mas o tronco velho soltava sua casca o que começou a fazer a cobra escorregar. Enquanto isso a centopeia subia, no seu ritmo... até que alcançou sua adversária. Ao passar pelo mesmo local que a cobra, a centopeia percebeu que poderia usar suas patinhas para se agarrar à casca e assim foi subindo até o topo.

Contudo, a centopeia tropeçava muito, o que a fez pensar em desistir. Mas, movida pelo desafio, a pequena escolopendra persistiu até o último passo até que olhou pra cima e nem acreditou: via o céu azul! Já estava no topo!

Sua opositora indagou:

- Como isso pôde acontecer? Eu sou a melhor em subidas em árvores dessa floresta!

A centopeia, mais discreta, humilde e muito inteligente, respondeu à cobra:

- A senhora cobra pode até ser a melhor em escalar, mas isso não te faz vencedora. O que nos faz vencer é a sabedoria para conseguir analisar obstáculos e se adaptar às dificuldades.

A cobra e a centopeia - moral da história:

Nem sempre força e esperteza são suficientes para ser vencedor: é essencial ter calma para analisar situações difíceis e adaptar soluções para superar os obstáculos. Essa é a grande chave para que possamos alcançar nossos objetivos, mesmo quando não nos achamos capazes.

## A COELHA E A ESQUILA

**Celma Fernandes Silvestre**  
Universidade Federal Fluminense - UFF  
celma\_fernandes@id.uff.br

Em um certo dia de aula na floresta, houve uma competição de rima: a coelha e a esquila eram famosas naquela escola, por possuírem habilidades de rimar e de cantar. Foi feita uma votação entre os alunos, e as duas foram escolhidas para o desafio da rima.

A coelha como havia feito aulas de música, já estava se sentindo campeã, e disse:

- Para que você vai quer disputar comigo, se já ganhei essa batalha?

A esquila tinha suas qualidades, mas nunca tinha feito aula de música, porém cantava muito bem desde pequena, então respondeu:

- A competição ainda não aconteceu, e eu tenho muita habilidade com rima.

Mas, a esquila sabia que a coelha era boa, tanto, quanto ela.

A professora organizou o espaço, e o restante dos alunos foi para a plateia, e as duas ficaram no meio da sala para rimar.

As duas estavam ansiosas para começar a rimar, e a professora sorteou com a moeda quem começaria. No sorteio quem começou foi a coelha. Cheia de autoconfiança e prepotência a coelha começa a rimar, mas acabou perdendo a voz, pois estava um pouco resfriada, em seguida passou o microfone para a esquila, e ela deu um show, rimou muito bem e a plateia aplaudiu de pé.

Após as duas terminarem de rimar, aconteceu a votação entre a classe, no qual a campeã foi a esquila, ela ficou tão feliz que não estava acreditando que tinha vencido e disse para turma:

- Nossa que felicidade, obrigada a todos que votaram em mim.

Enquanto isso, a coelha no canto da sala estava indignada com a derrota, mas reconheceu que não foi bem na batalha e foi dar os parabéns para a coelha. Depois disso teve uma festinha para a comemoração, no qual a floresta toda foi convidada.

A coelha e a esquila - moral da história:

Nem sempre você ter um conhecimento a mais não te torna melhor que o outro. Todos temos nossas qualidades e habilidades. Na vida não podemos nos deixar abalar por qualquer coisa que as pessoas ao nosso redor falam: acredite no seu potencial. Se você chegou até aqui, neste seu nível de conhecimento, já passou por vários processos difíceis em cada fase de aprendizado (que você aprendeu a falar, a ler, a escrever e a produzir escrita!) Então, acredite em você: o que te define são as suas qualidades e habilidades, não são as críticas de pessoas que desconhecem os bastidores da sua vida.

Referência bibliográfica:

MEDEIROS, Janiara de Lima (org.). *Fábulas para se ler além da escola*. 1. ed. Itapiranga: Editora Schreiber, 2024. 124 p. Ebook. EISBN 9786554402279. DOI 10.29327/5384231 Disponível em: <https://janimedeiroseducacao.com.br/fabulas-para-se-ler-alem-da-escola/>

## A CORUJA E O MORCEGO

Ayla Saiury Aguiar Tonaki  
Universidade Federal Fluminense - UFF

aylasaiury@id.uff.br

Em uma noite estrelada na floresta, a dona coruja estava lendo seu livro preferido, quando um morcego veloz batendo suas asas derrubou o livro da coruja.

- Ei, você precisa tomar cuidado! Derrubou o meu livro preferido. Disse a coruja.

- Me desculpe, eu estava com pressa, estou faminto!! Preciso achar alguma frutinha pra comer! Respondeu o morcego! Que com o olho enorme ia abocanhando uma frutinha vermelha que ali estava.

- NÃO, Não coma isso! Gritou a coruja.

- Mas estou com muita fome, preciso comer.

- Mas essa frutinha é venenosa. Eu li no meu livro que se você comer essa frutinha você pode se dar mal.

- Caramba! Você me salvou! Obrigado coruja, eu não sabia.

- Viu como ler é importante? Assim podemos aprender muitas coisas.

- É verdade! Vou te ajudar a achar seu livro para que continue sabendo muitas coisas e ajudando mais animais!

Então, os dois desceram da árvore e foram para o chão procurar o livro perdido. Ao chegarem lá se depararam com um macaco caído. A coruja disse que sabia como ajudar, já que também tinha lido sobre primeiros socorros de animais. Socorreram o macaco e ele logo acordou, disse que o livro caiu em sua cabeça e por isso ficou tonto e desmaiou. A coruja e seu novo amigo se desculparam e se ofereceram para pegar algumas bananas para ele e para o morcego comerem pois ele ainda estava com fome. O macaco ficou agradecido e ajudou a levar o livro para o alto da árvore.

E no final da noite todos ficaram satisfeitos e fizeram belas amizades.

A coruja e o morcego - moral da história:

Você se torna melhor e mais feliz quando doa um pouco de si para ajudar o próximo.

Referência bibliográfica:

MEDEIROS, Janiara de Lima (org.). *Fábulas para se ler além da escola*. 1. ed. Itapiranga: Editora Schreiber, 2024. 124 p. Ebook. EISBN 9786554402279. DOI 10.29327/5384231 Disponível em: <https://janimedeiroseducacao.com.br/fabulas-para-se-ler-alem-da-escola/>

## ESCOLA DAS EMOÇÕES

Isabel Vitoria Barbosa da Silva  
Universidade Federal Fluminense - UFF

isabelvitoria@id.uff.br

**Janiara de Lima Medeiros**

Universidade Federal Fluminense - UFF

jlmedeiros@id.uff.br

A Escola das Emoções era a mais conhecido do bairro de Jacuecanga. Sua fama se deu porque todas as crianças aprendiam a fazer 'caras e bocas' para expressarem suas emoções. Elas circulavam pela escola carregando seus chapéus das emoções: o da alegria era todo colorido porque cada cor traz uma energia; o da tristeza era vazio, somente contornado por arame; o do otimismo era verde pois representava a esperança; assim como quem estivesse num dia muito afetuoso utilizava o chapéu vermelho.

O motivo dos chapéus se deu para que os colegas das crianças pudessem se contagiar por boas emoções quando precisassem e, quando avistassem um colega com o chapéu vazio, os outros poderiam ajudar.

Minha mãe chama-se Rita. Ela trabalhou nesta escola ajudando a olhar as crianças, principalmente na hora dos recreios. Os professores a chamavam de inspetora de alunos. As crianças a chamavam de D. Ritinha, a amiga dos alunos. Mamãe contou-me a história do menino Zé que muito me emocionou e quero compartilhar com vocês. O menino Zé era alegre e confiante e vivia a trocar de chapéu colorido listrado por chapéu colorido quadriculado entre tantos modelos.

Certa vez, após a semana das provas bimestrais, o menino Zé parou de sorrir e, embora com o chapéu colorido, ele andava com as feições abatidas e sem ânimo. Quando seu amigo Joaozinho aproximou-se usando um chapéu vazio e o menino Zé se afastou, quebrando uma regra fundamental da Escola das Emoções: contagiar com alegria quando vissem um amigo usando o chapéu da tristeza.

Minha mãe perguntou para o menino Zé:

- O que houve Zé? Por que você não se aproximou do amigo Joaozinho para ajuda-lo com a tristeza ao curá-lo com sua alegria?

O menino Zé respondeu:

- D. Ritinha, eu não quero que ninguém saiba que eu tirei nota baixa em matemática. Meus pais ficarão decepcionados! Se algum amigo vir, poderá contar para a minha mãe quando ela chegar para me buscar no final da aula.

D. Ritinha era tão carinhosa com as crianças como tão boa zeladora da escola. Ela observava o menino Zé falando muito entristecido e envergonhado da sua nota. Não queria que seus pais ficassem chateados ou frustrados com o seu resultado em matemática.

- Menino Zé, a verdade escondida não é resolvida e um dia seus pais vão saber. A tristeza poderá ser grande por perceberem que você não contou a verdade. – disse minha mãe para o aluno.

Menino Zé respondeu:

- Mas eu não tenho coragem de falar isso pra eles... não sei nem por onde começar...

D. Ritinha sugeriu uma forma sem que precisasse falar e disse ao menino Zé:

- meu amiguinho, coloque o chapéu que expressa seu real sentimento. Quando sua mãe chegar para busca-lo, vá ao encontro dela e leve a prova corrigida com a nota. Entregue a prova à sua mãe e abrace-a. Não

precisa dizer nada. Embora em silêncio ela vai perceber o seu sentimento, o motivo e sua intenção.

Assim fez o menino Zé. Após abraçar fortemente a sua mãezinha o menino pôs-se a chorar. A mãe o olhou fixamente, levantou-lhe o rosto com uma das mãos em seu queixo e disse:

- Filho, me orgulho de você por ter dito a verdade e assumido o seu sentimento. Agora vamos entender o que aconteceu nesta prova, nos dedicar e buscar melhor resultado na próxima. A vida é assim. Nem sempre as coisas são como queremos.

Menino Zé, emocionado sorriu e disse:

- Mãezinha, obrigada por me ensinar a dizer a verdade, a expressar meus sentimentos e a enfrentar meus desafios. Vou recuperar esta nota.

E mãe do menino respondeu, carinhosamente:

- Filho, com certeza hoje você demonstrou que aprendeu mais do que qualquer conta de matemática. O seu comportamento refletiu um conhecimento que vai refletir muito mais que na nota de matemática: refletirá na sua vida. Tenho muito orgulho de você.

D. Ritinha os observava de longe, emocionada. Logo pensou: - acho que contribuí para mais um momento feliz. Não sou professora das disciplinas, mas tenho de ensinar para a vida.

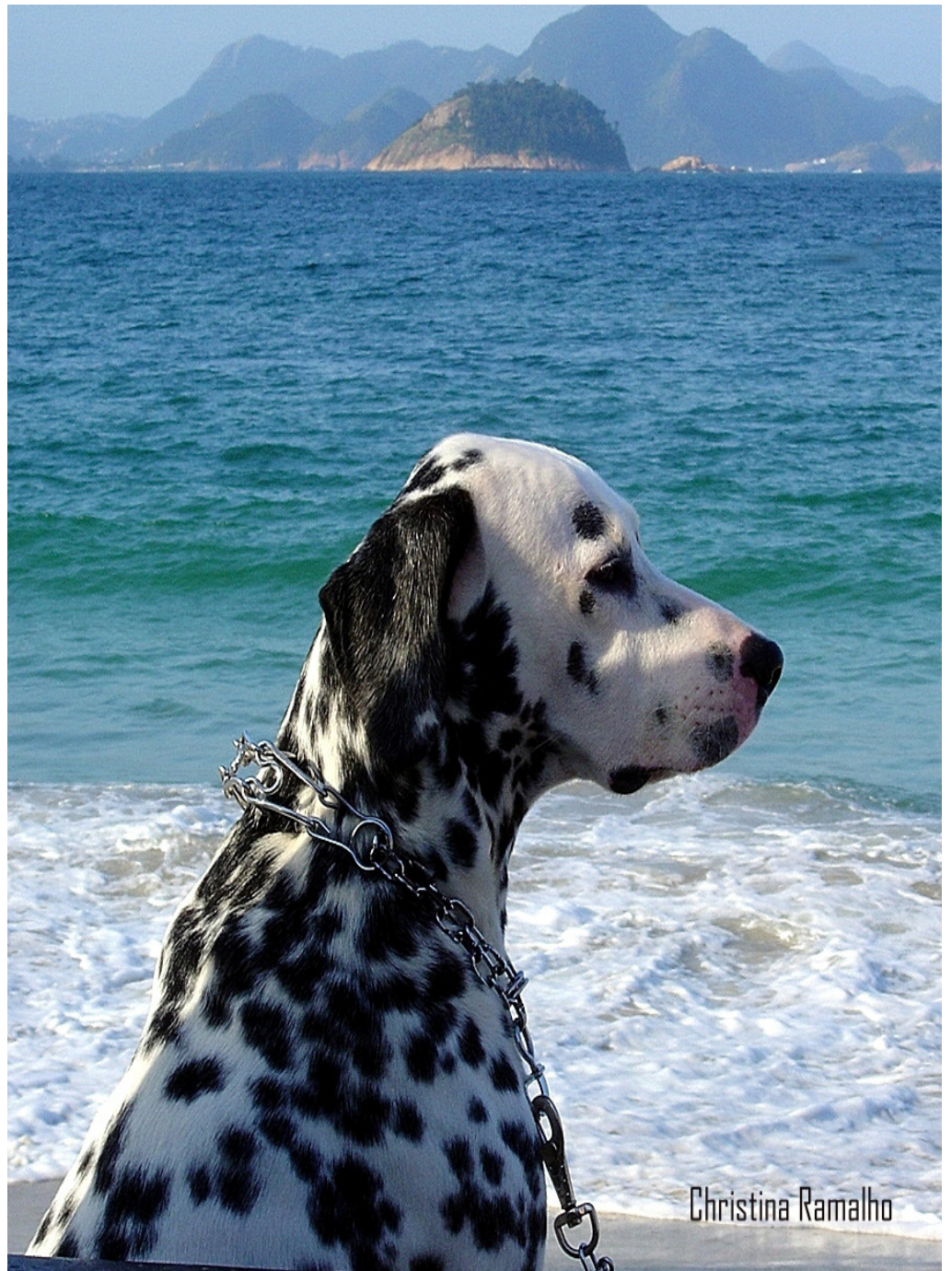
Esta história contada por mamãe ficou fixada na minha memória e por isso quis compartilhar com vocês.

A escola das emoções - moral da história:

O real aprendizado se dá quando assumimos nossas emoções e a partir daí refletimos em como podemos resolver momentos difíceis da vida. Então, não tenha medo de reconhecer suas emoções. Ainda que seja desconfortável, é importante ter controle emocional para estar preparado para conhecer a verdade a fim de buscar soluções concretas.

Referência bibliográfica:

MEDEIROS, Janiara de Lima (org.). *Fábulas para se ler além da escola*. 1. ed. Itapiranga: Editora Schreiber, 2024. 124 p. Ebook. EISBN 9786554402279. DOI 10.29327/5384231 Disponível em: <https://janimedeiroseducacao.com.br/fabulas-para-se-ler-alem-da-escola/>



# Poemas

## Pegadas no Coração

Dois amigos corriam pelo quintal,  
Risos e latidos enchiam o local.  
Pequenos corações cheios de alegria,  
Transformando o dia em doce magia.  
Mesmo longe, ainda posso sentir,  
O carinho e amor que não vão sumir.  
Cada lembrança é abraço e calor,  
Guardada pra sempre com muito amor.  
Eles seguem vivos dentro do meu ser,  
Nas memórias que nunca vão desaparecer.  
Dois cachorrinhos, ternos e brincalhões,  
Deixaram eternas pegadas em meu coração.



**Jujuba e Pipoca**

## Biografia da autora

Alcinethy Loiola de Matos, natural de Fortaleza-CE, roteirista, cineasta independente, escritora e coautora em diversas antologias, dedica-se à escrita como forma de dar vida a personagens e histórias. Sua paixão por criar e desenvolver narrativas reflete-se em seu trabalho onde une cinema e literatura.



Instagram: @alcinethy\_loiola

## É BEM VERDADE

Angelo Cardoso Sá

É bem verdade que as portas da minha casa estão abertas  
a todo tipo de gente, especialmente aos animais.  
É bem verdade que os cães já salvaram muita gente,  
inclusive aneurisma e depressão foram combatidos por eles.

A vida animal nos desperta à sensibilidade espiritual,  
mas é como crença - ou se acredita ou se duvida.  
Como uma arca grande é a minha casa, pois acreditei no dilúvio.  
Como terra firme é o meu coração, pois ouvi verde do Espírito Santo.

É bem verdade que Deus criou os animais, eles são o  
abraço santo em dias nebulosos.  
É bem verdade que os animais fazem com que tenhamos  
a certeza de que a vida é real, e há vida por toda parte.

O mundo animal está em constante luta para sobreviver,  
é que alguns de nós já perdeu a crença - ou se vê com bons olhos ou...  
Como gente grande, a presença dos cães, por exemplo, aquece corações.  
Como gente do bem, a matilha se confunde com quem a ama.

Enquanto escrevo um cão morre.

*In memoriam* de seus ancestrais lobos,  
tenho cuidado com a pena. Afinal, um cão é o melhor amigo  
de um homem e de uma mulher.

Enquanto sopro as palavras, uma amiga pede ajuda.

Os custos com a cirurgia da sua melhor amiga são altos.

Felizmente, ajudaram ela e sua companheira está salva.

Nessa selva de pedra, é importante escolhermos bem os nossos amigos.

Entre humano e não humano, há um corredor enorme que  
disputa espaço com a Avenida Paulista.

Entre vagões apressados, em uma cidade que não dorme,  
cães e cadelas em cio preparam novas vidas. É domingo e não há pudor.

Enquanto sinto o cheiro de suor, um cão e uma cadela cheiram meus pés.

Isso não incomoda, porque eles têm mais humanidade do que eu.

Demonstram carinho, apesar de mim, apesar dos meus pés suados da  
Avenida Paulista - tudo isso, enquanto escrevo.

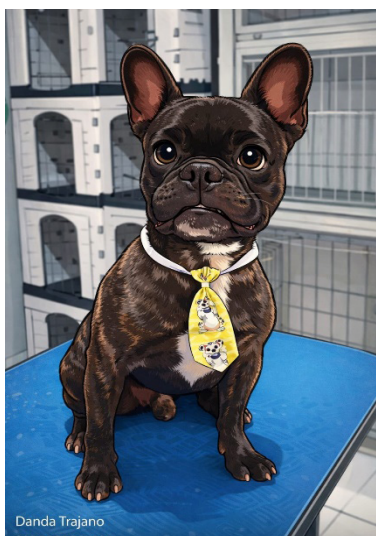
**Angelo Cardoso Sá** é professor de Língua Portuguesa e Literatura e pratica a escrita literária a partir da experimentação pedagógica. Doutorando em Letras, na área de Linguística e Língua Portuguesa, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (bolsista CAPES), é também mestre em Letras pela mesma instituição, na área de Literaturas de Língua Portuguesa (bolsista FAPEMIG). Linhas de pesquisa: Trânsitos literários – produção, tradução, recepção; Linguagem e enunciação – interações sociais e práticas discursivas. Cursa Pedagogia na Faculdade Trilógica Nossa Senhora de Todos os Povos, possui especialização em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo e graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais. Sua pesquisa concentra-se no projeto literário de Darcy Ribeiro em diálogo com os estudos decoloniais e a Análise de Discurso (AD) Materialista.



Foto: Daniel Zarahi

## THOR

Travesso assim,  
Hoje flutua num véu  
Onde as nuvens brancas  
Rompem o azul do céu!



## FUCO

Fuço aqui,

Acolá...

Fuço preto,

Orelha em pé...

De quem será?

Seria coelho,

Cão,

Mímosa sem par!

Meu cãozinho

Fuça tudo,

Todo canto

Qualquer lugar.

Fuço aqui,

Acolá...



## **JAQUEIRA**

A jaca

Já caiu

Já caiu não

Já cá

É tempo não

Jaca mole

Jaca dura

Jaqueira do portão



Dr. Artur José Carreira

Especialista e mestre em dentística restauradora

Doutor em Biotecnologia e Inovação em Saúde

Professor Odontologia UNIAN - Universidade Anhanguera

<https://carreiraodontologia.com.br/>

<https://www.facebook.com/CarreiraOdontologia>

## **Amigos bichos**

Bob, Kiki, Káká

Link, Tigrinho, Frajola

Pompom, Pimpim

Lá lá lá

Tatu, Bububu

Minato

Café

Pantera, Crystal

Balão, Bombom

Ruby

Estar cercado pelos amigos bichos

É sempre bom.

Brunno Vianna

## **Asas da Liberdade**

Claudio Trindade

Pairo no ar

Beijo todo jardim

Sou a festa das flores

Minhas penas são furta-cor

Mudo de cor com os raios de sol

Passeio nas cores

Tenho penas do preto os dourados

Com meu bico fino

Bebo o néctar das flores

Tenho um ninho delicado

Revestido de algodão

Voo para todos os lados

Beija flor dos ares

## BICHOS DO OUTRO LADO DO MUNDO

*Eliane Rodrigues de Sousa Javarini*

Há bichos que nascem onde o frio impera,  
Sob céus de gelo, silêncio e espera,  
Pisam a neve como quem venera  
Um mundo branco que nunca se altera.

O urso polar guarda o norte no olhar,  
Coroa de gelo, rei do lugar,  
Sozinho aprende a resistir e caçar,  
Onde o sol demora a voltar.

Longe daqui, na areia sem fim,  
O camelo avança lento, enfim,  
Leva no dorso o próprio jardim,  
Água guardada dentro de si.

Na savana, a girafa vê além,  
Pescoço erguido como ninguém,  
Lê o futuro que o chão não tem  
E alcança folhas que o céu contém.

O rinoceronte, couraça viva,  
Anda pesado, mas alma altiva,  
Traz na pele a luta antiga  
Contra a ganância que o mundo cultiva.

Nos vales da China, discreto e calmo,  
O panda mastiga o tempo em bambu,

Preto e branco, num ritmo manso,  
Um suspiro de paz que insiste em existir nu.

Há o pinguim, pequeno viajante,  
Terno no jeito, firme no instante,  
Desliza no gelo, elegante,  
Como quem dança mesmo distante.

O alce atravessa florestas do Norte,  
Galhos na cabeça, passos de porte,  
Carrega o peso da própria sorte  
Sem jamais temer o corte.

Nas ilhas secas de chão vulcânico,  
A iguana caminha em gesto arcaico,  
Parece saída de um tempo titânico,  
Guardando segredos do mundo orgânico.

Esses bichos, tão longe de nós,  
Também sentem medo, silêncio e voz,  
Provam que a vida, em qualquer pós,  
Bate diferente, mas pulsa feroz.

No fundo escuro dos mares distantes,  
Vive o naval, mistério errante,  
Com seu chifre único, quase vibrante,  
Lenda viva dos oceanos gigantes.

Pelas montanhas da Ásia severa,  
O leopardo-das-neves espera,

Sua pele camufla o que a vida gera,  
Um fantasma branco que o vento opera.

Na planície árida da Austrália antiga,  
O canguru salta, jamais fatiga,  
Cada pulo é verso que o chão abriga,  
Poesia viva que o tempo investiga.

Entre rochas da África, atento e sagaz,  
O suricate vigia, alerta e capaz,  
Pequeno guardião do que a vida traz,  
Um gesto simples que gera paz.

No silêncio frio da Islândia longínqua,  
A raposa ártica muda sua tinta,  
Ensina que a vida, mesmo distinta,  
Se adapta, resiste e nunca se limita.

Há também o iaque dos altos platôs,  
Onde o ar é rarefeito e o céu feroz,  
Seu passo é lento, mas firme e atroz,  
Como quem desafia o destino a sós.

Esses bichos escrevem, sem papel,  
Uma história antiga sob outro céu,  
Mostram que a Terra é um vasto anel  
De vidas ligadas por um fio fiel.

Não importa o gelo, o deserto ou o mar,  
Todos lutam apenas por continuar,

Respirar, sentir, se alimentar,  
Amar à sua forma de amar.

O humano observa, pequeno e atento,  
Aprende com o instinto, não com o talento,  
Pois a natureza não cobra argumento,  
Apenas respeito em cada momento.

E assim termina este mapa animal:  
Bichos distantes, laço universal,  
Pois onde houver vida, no mundo real,  
Somos todos parte do mesmo sinal.

Eliane Javarini é uma escritora carioca e mulher negra que transforma vivências de resistência, maternidade e inclusão em literatura sensível e potente. Estudante de Biblioteconomia, acredita no conhecimento como ferramenta de democratização e impacto social. Sua escrita nasce do compromisso com a representatividade, a empatia e a construção de mundos mais justos.

## DEUS CRIOU OS ANIMAIS

Mas por que Deus  
Criou os animais?  
Para ser dos humanos,  
Companheiros leais?

Então, por qual razão,  
Alguns seres humanos,  
De tão duro coração,  
São tão insanos?

Abandonando os animais,  
Sem dó nem piedade,  
Nem olham pra trás.

Esses seres envergonham a humanidade.

Animais que nos dão,  
Carinho e lealdade.  
Nos amam de montão,  
Com toda a sinceridade.

Ainda querem ser,  
Chamados de “pessoa” .  
Depois de maltratarem  
Animais de índole tão boa.

Fátima N. Leite

## Amigo Cão

Mil vezes a companhia de um cão  
Do que de alguém sem noção  
O cachorro aprecia minha companhia  
Esse sim, me gera empatia.  
O cachorro não tem julgamentos  
Eu posso expor meus sentimentos  
Ele está sempre ao meu lado  
É troca de amor e de cuidado.

Sobre a autora:

Iteuane Casagrande, capixaba, vivendo em Berlim. Formada em pedagogia, participante de antologias com poemas e contos, microcontos e crônicas.

Apaixonada pelo mundo das palavras, escreve desde a adolescência. Sua inspiração provém das pessoas com quem convive, dos momentos de saudade, das histórias que lê ou vive e de tudo aquilo que toca seu coração.

Na foto, a autora com o cãonzinho Fritz.

Instagram: [@entrepalavraserimas.iteuane](https://www.instagram.com/entrepalavraserimas.iteuane)

Foto da autora:



# INSTINTO EM CLOSE: RETRATO VIVO DOS MUNDOS

*Jean Javarini*

No silêncio antigo do mundo animal,  
Pulsa um coração livre, instinto vital,  
Cada passo é prece, gesto natural,  
Um chamado selvagem, profundo e leal.

Entre florestas, mares e quintais,  
Respiram juntos todos os animais,  
Em laços invisíveis, ancestrais,  
Tecendo a vida em sinais iguais.

Um bicho observa o dia nascer,  
Sem pressa, sem medo de simplesmente ser,  
Ensina ao humano a reaprender  
O valor de existir, de viver e crescer.

Os bichos sabem da dor e do chão,  
Mas seguem fiéis à própria canção,  
Não guardam rancor, nem negação,  
Apenas seguem o ritmo da criação.

Há mundos escondidos em cada olhar,  
Mundos que só o silêncio pode alcançar,  
Onde o instinto decide amar  
Sem precisar explicar ou justificar.

Vejo um retrato feito de atenção,  
Um focinho curioso em close, emoção,

O tempo suspenso no enquadrado chão,  
Um instante eterno em comunhão.

O olhar é circular como a vida a girar,  
Sem começo ou fim pra delimitar,  
Tudo retorna ao mesmo lugar:  
Respirar, sentir, cuidar.

Ali não há diferença entre bicho e pessoa,  
A essência é a mesma que pulsa e ecoa,  
O que muda é só a forma que soa  
No corpo que anda, rasteja ou voa.

Há um cão deitado, quase sorrindo,  
Com olhos serenos, me olhando, sentindo,  
Sua expressão diz, sem ir mentindo:  
“Estou aqui, contigo, existindo”.

É uma presença acolhedora no chão,  
Tranquila como a tarde em oração,  
Um afeto simples, sem explicação,  
Que aquece o peito feito canção.

Vejo pelos que lembram cabelos curtos,  
Bem cacheados pelo vento em surtos,  
Livres de vaidade, livres de insultos,  
Belos por serem puros e absolutos.

O cenário parece em tons de cinza,  
Mas a vida ali jamais se minimiza,

Pois até na sombra que se desliza  
Há luz que resiste e se eterniza.

Nos meus olhos, óculos de armação fina,  
O mundo animal se aproxima,  
Cada gesto revela, ensina,  
Uma verdade antiga e cristalina.

Sinto uma sensação difícil de explicar,  
É como voltar ao lugar de amar,  
Onde não se julga, não se faz pesar,  
Apenas se aprende a respeitar.

Há simpatia no jeito de chegar,  
Um rabo que dança sem precisar falar,  
Uma proximidade que sabe cuidar,  
Sem invadir, sem machucar.

Tudo acontece de forma suave,  
Como água mansa, vento que sabe,  
A vida ali nunca é grave,  
Ela flui simples, livre e afável.

Na pura naturalidade do existir,  
O animal não finge, não tenta fugir,  
Ele aceita o agora, o porvir,  
E ensina o humano a sentir.

É na serenidade do olhar atento  
Que mora o mais sincero sentimento,

Um pacto silencioso, sem juramento,  
Feito só de presença e tempo.

O mundo animal é gesto amigável,  
É lição diária, justa e admirável,  
Um espelho vivo, sensível, palpável,  
Do que em nós ainda é essencial.

Que aprendamos com bichos e animais,  
A sermos mais simples, humanos reais,  
Pois entre mundos tão desiguais,  
O amor é o instinto que nos une mais.

Biografia: Jean Javarini, nascido em 1977, em Colatina, Espírito Santo, é professor de Matemática, coordenador escolar e escritor comprometido com a formação intelectual e humana. Residente em Linhares, destaca-se pelo trabalho dedicado à promoção de uma educação de excelência, marcada pela ética, sensibilidade e capacidade de inspirar alunos e colegas. Pós-graduado em Gestão Escolar, alia sólida formação técnica a uma atuação pedagógica cuidadosa, sempre orientada pela busca de práticas inovadoras que favoreçam o aprendizado significativo e o desenvolvimento integral dos estudantes. Como autor, possui textos publicados em diversas antologias literárias.

# JOÃO VITTOR GOMES FIRMO

*Haikais Autorais*

## INFINITO

Ralph, meu cachorro,

Moveu-se ao infinito:

Saudade eterna.

## DESCANSO ETERNO

Ausência dorida.

Meus bichinhos repousaram —

Descanso eterno.

## BIOGRAFIA

João Vittor Gomes Firmo é Licenciado em Letras: Português/Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Técnico em Informática pelo Colégio Pedro II (CPII), mediador de leitura, poeta, contista, cronista e haikin. Na atualidade, realiza Mestrado em Língua Portuguesa na UFRJ. A trajetória como artista da palavra teve início em 2014, aos treze anos de idade, e as suas escrituras integram revistas literárias (*Artes do Multiverso*, *Barbante*, *Lagamar* e *Viagem Literária*), plataformas de divulgação artística (como o *Blog Relicário*, do CPII - *Campus Duque de Caxias*, e o perfil da *Torre de Babel*, projeto de extensão da Faculdade de Letras da UFRJ, no *Medium*). Além disso, teve poemas selecionados para compor antologias (*Grupo Editorial Hope* e *Grupo Nacional de Estudantes de Filosofia - GNEFIL*). Enquanto haikin, desde 2024, atua como membro do Núcleo de Haikai do Instituto Cultural Brasil-Japão (NHICBJ) e foi um dos aprovados no 2º Concurso Literário @haikai.brasil e na chamada da Editora Persona para a coletânea “Haicais e Tankas 2025”. No que diz respeito às comunicações poéticas, as apresentações de textos autorais foram acolhidas por instituições como o Colégio Pedro II (CPII), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o Museu Nacional/UFRJ, o Instituto Cultural Brasil-Japão (ICBJ), o Consulado Geral do Japão no Rio de Janeiro e a Academia Brasileira de Letras (ABL). Contato: vittorfirmino@letras.ufrj.br.



Fonte: Aline Gomes e Luana Gomes, 2025.

## ESTIMADO AMOR

Nem todo olhar perdido demonstra a inércia  
Porque a interação é através dos sentimentos...  
Que pairam no ar!

O encontro é um registro de vivências  
Onde um animal não se mostra fragmentado...  
Mas, entregue à sorte de ser acolhido.

Elementos de relações que brotam como uma flor  
Envolvimento que precisa de cuidado...  
Pois, a desconfiança é feito um broto frágil.

Diante deste vínculo que abraça tal olhar  
A cumplicidade vinga feito um jardim...  
Pra nutrir as vidas que buscam o tom do amor!

Karine Dias Oliveira

Nova Friburgo/ Rio de Janeiro

Professora e pedagoga. Pós-graduada em: Gestão Escolar, Supervisão Escolar e Orientação Educacional; Psicopedagogia Institucional; Educação Ambiental; Cultura e Literatura; e Políticas Sociais. Amante da leitura e escrita, tenho por hábito escrever histórias infantis (ilustrando-as), contos, microcontos, trovas, poesias, crônicas, etc. A escrita é a minha paz, meu refúgio e inspiração pra vida. Um sonho: ter as minhas produções publicadas em material, totalmente, autoral. Selecionada em inúmeras publicações, vencedora de concursos literários (além de menções honrosas e especiais).



## O equilíbrio necessário

Karla Oliveira @catoli54

Os animais...Ah, os animais

Anjos protetores da humanidade

Seres que ajudam no equilíbrio

de tanta maldade

Seres de tamanha sensibilidade

E grande capacidade de amar

A humanidade tem muito o que aprender

Com esses pequenos notáveis

Amor, ternura, carinho, paciência

Dedicação, sensibilidade, atenção, foco

Proteção, dependência e independência

Na medida

Dentre muitas outras qualidades

Inteligência e cuidado

Defeitos?

Só o fato de viverem pouco tempo entre nós

Uma pena, pois deveriam durar a eternidade

São anjos

Seres estelares

Luz, que a humanidade demorará a alcançar

São os melhores amigos

E os melhores abrigos

Pena que os humanos

Ainda os comem, literalmente

Quando vemos o tamanho da sensibilidade e da capacidade de amar desses seres

Vemos o quanto eles têm para ensinar aos humanos: amor, ternura, carinho, paciência, dedicação, sensibilidade, atenção, foco

## **Meu au, au**

Meu au, au.

Cachorrinho au, au.

Esse au, au é surreal.

Lati cachorrinho.

Meu au, au.

Lati meu donguinho

Vem aqui meu bichinho.

Balança seu rabinho.

Au, au, ai, ai.

Vem cachorrinho.

Balança seu rabinho.

Vem meu bichinho.

Me enche de carinho.

Você é o meu amiguinho.

És meu bichinho lindo.

.

## **BIOGRAFIA:**

Liécifran Borges Martins é uma compositora, escritora, parodista e poetisa Brasileira. Formada Técnica em Química pelo Instituto Federal do Espírito Santo IFES. Membro da academia interamericana de escritores (AINTE) com patronesse Ruth Guimarães ocupando cadeira de número 39 De 2023 a 2025. Começou a escrever em seus 14 (quatorze) á (quinze) anos de idade. Ganhadora de vários títulos literários em diversas regiões, estados e municípios do Brasil e também internacional. Participa de diversos concursos literários como revistas, antologias e coletâneas. Em 2024 foi ganhadora XXI congresso brasileiro de poetas trovadores a ser realizado em venda nova do imigrante ES.

Instagram: @liecifranborgesmartins



## **Estrelinha**

Maicon Sandriel Ojeda da Rocha

Gramma e sol  
Cheiro e calor  
Apagar e brilhar

Thor  
Quatro patas  
Um amor

Pelas manhãs  
A bolinha o segue  
Até cair no chão

A tarde resmunga  
Pedindo migalhas

Anoitece e descansa  
Aos pés já enrugados  
Com cheiro único  
Adormece

Acordando  
Ouve tons delicados  
Corre para comer

Percorrendo o dia  
Ouvindo a mesma melodia  
Uma que nunca se cansava

Cedo ele corre  
Deitando-se na grama  
Sentindo falta de algo

Almoço chegando  
Resmunga  
Recebendo silêncio

Dia acabando  
Deita-se no seu lugar  
Sentindo algo esfriar

Ao amanhecer  
A bolinha corre

Ninguém a busca

Hora de comer  
Come  
Sem resmungos

A noite chega  
Anda para cama

Deitando-se  
Onde sempre foi seu  
Adormece

Acordando  
Ouve outras melodias  
Com novo ritmo  
Percorre seus dias

Pela manhã  
A bolinha é esquecida

Ao meio-dia  
A comida permanece

Fim do dia  
Deita-se no seu lugar  
Adormecendo rápido

Acorda a noite  
Ouvindo uma melodia  
Soando familiar

A seguindo  
Começa a sentir frio  
Um como antes

Continuando  
A melodia era clara  
E o frio intenso

Chegando  
O som some

Deitando-se resmunga  
Em tom fraco

A bolinha rola  
Abrindo o olho  
Encontra a melodia

Agora ele corre  
Pelas nuvens

Criando arco-íris  
Por onde passa.

Toby: O Guardião do Sorriso

Toby é Cocker Spaniel

Alegre, carinhoso e amigo.

É alegria da casa e não tem cerimônia:

Dá boas-vindas com um belo salto em todos que chegam.

Brincalhão e amoroso,

E não deixa a tristeza entrar.

Está sempre atento

Para alegrar quem mora no lar.

Principalmente seus Tutores

com quem está sempre a brincar.

É dócil, um amor, está sempre por perto.

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonsêca

## O Alerta da Criação

Senhor, Tu que criaste a Terra,  
Deste a vida ao ser humano,  
Aos animais e às árvores  
Para nos sustentar e alimentar.

Entregaste em nossas mãos  
A responsabilidade de cuidar  
Deste planeta tão belo,  
Para nos ajudar a prosperar.

Mas o que temos feito?  
Deixamos tudo minguar por ambição.  
Os seres vivos estão implorando,  
Em sons de socorro e solidão,  
Para que cuidemos de toda a criação.

Que haja responsabilidade e cuidado,  
Pois em cada ser o semblante de Deus está.  
Ele nos criou para a harmonia,  
Onde cada um tem seu papel e lugar.

Que cuidemos das florestas e dos animais,  
Dos mares, rios e mananciais.  
Pois tudo pulsa pela essência singular  
Das mãos do nosso Criador.

Maria de Fátima Canindé Silva da Fonsêca

## **Sonhando com Gabriela**

Ela veio me visitar, em noite de sexta-feira  
numa visita cheia de emoção.  
Ó Deus, mostra-me uma resposta verdadeira:  
não existe um céu para o cão?

## **Miguel Carqueija**

O AUTOR É REVISOR E PALESTRANTE CULTURAL COM EXPERIÊNCIA EM  
VÁRIAS ÁREAS DA LITERATURA.

## Orelha

Patrícia de Campos Occhiucci

Algo chega a se quebrar  
quando ouvimos notícias assim  
grupo de adolescentes maltratam  
um cão comunitário... Gente ruim!

O que Orelha fez para incomodar?

Com certeza, nada. Um idoso  
dócil, população veio relatar  
passou por algo tão doloroso  
que haja justiça para cobrar!

Há mais de dez anos no bairro

foi encontrado em agonia  
precisou ser eutanasiado  
porque demais sofria...

A comoção foi alastrada

pois um anjo de quatro patas  
teve a vida covardemente ceifada.  
Por cada pessoa vil que desacata  
gera revolta, e a paz é roubada.

Querido cão que transitava  
sem fazer mal a ninguém  
recebia amor como dava  
só no olhar se via o bem.

Cure as feridas da alma  
de qualquer dor, fique sem  
num jardim azul, muitos latidos  
com o consolo de São Francisco  
em homenagem, esses versos sentidos.

*Anjos do Céu, Orelha e Amigos*





a

Regiane Silva

[@escritoraregiansilva](https://www.instagram.com/escritoraregiansilva)

Rio de Janeiro-RJ

## **Sophia**

Linda cachorrinha

Branquinha, com manchinhas pretinhas

Parece sorvete de flocos

Hum! Eu adoro!

É dálmata, minha amiguinha

Dizem que a origem da raça

É Dalmácia, na Croácia

Ganhei no Brasil esse presente

Morava em apartamento

Mas amou casa, quintal

Achou genial!

Brinca toda hora

Desde que acorda

Balança alegre o rabinho

REVISTA THORZINHO - 71

Come comida de montão  
Fica com enorme barrigão  
Adora melancia  
Me dá doces lambidas  
Gosta de receber visitas  
Tem amigos gatos, caramelos  
Não morde ninguém  
É um pet grandão  
Alegra o meu coração  
Eterno bebezão.

### **Biografia**

Leitora, escritora, bibliotecária formada pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), mãe de pet e “etcéteras”, nasceu em Salto-SP. Ela tem um livro infantojuvenil publicado; e poesias, contos, crônicas e micrococontos em antologias destinadas ao público infantojuvenil e adulto.

## SUMIDOURO

Grãos de areia se divertem no deserto

O mundo está aos nossos pés

Imensidão de tudo e nada

Sonhos se perdem nas dunas

Misturados às lágrimas e sangue

Fervem vidas, pulsam verdades

As andorinhas bailam incólumes

Sorrisos do vento e da chuva

Fazem tremer uni-versos

Os amanhã trazem novas quimeras

Tudo no mesmo compasso

Outros grãos varrem as utopias

Segue o baile!

Rita Queiroz

## MEU GUIA

Na selva de pedras  
Como dois vira-latas  
Amor que salva vidas

## GATOS ESCALDADOS

Brincadeiras no telhado  
Felinos miados  
Ai meu gato!

Rita Queiroz

## O “GRITO” DO PASSARINHO

O passarinho “gritou”  
Um “grito” desesperado!  
Depois “gritou” novamente  
Já me deixando assustado.  
- Será, meu Deus, que ele está  
Transmitindo-me um recado?

Assim eu me perguntei  
Pois já passei, com um besouro,  
Uma experiência assim  
Que me alertava um desdouro  
Que ocorreria em seguida,  
Causando tristeza e choro.

A Natureza é presente  
No bem, ou mal que acontece!  
Ele chegou novamente,  
Meu coração fica em prece...  
Deu dois “gritos”, foi embora.  
E eu digo: - Vê se me esquece!

Cuido do almoço esperando  
Algo de bom ou de ruim  
Que o passarinho augurou.  
Meu coração é assim!  
Porém peço a Deus ajuda  
Para os meus e para mim.

Já começo a espirrar  
E fico me perguntando  
Se era essa série de espirros  
Que o bicho estava agourando.  
Ou seria algo mais grave  
Que estava se aproximando?!

Continuo a preparar  
O complemento do almoço.  
Meu marido foi comprar  
A quentinha. E eu não ouço  
Barulho dele chegando...  
Endurece o meu pescoço.

- Tá demorando demais!  
Falo a mim mesma, pensando.  
Mas de repente a zoadá  
Do carro se aproximando...  
Eu digo a mim mesma: - Rosa  
Não se envolva em polvorosa,  
O pássaro estava cantando!

Rosa Regis

Natal/RN

## MINHA AMIGA

R.Santi

Ela era meu silêncio

Ela era meu amor

Ela era minha vida

Ela sabia meus segredos

Ela morava na alma

Ela amava minha essência

Era minha amiga...

Minha cadela...

Minha doce cadela...

Nós corríamos na chuva

Seu rabo girava o mundo

Eu ria, ele ainda girava

Ela sempre esteve aqui

No meu leito enfermo

Quando dele saí forte

Um dia se fez ausente

E nada mais girou

Partiu sem avisar

Era minha amiga...

Minha cadela...

minha doce cadela...

Orelha

Não era de ninguém.

Era nosso.

Orelha não era sobra.

Era exagero.

Exagerava na simpatia,

na alegria,

no viver.

Ele não era humano.

Não era animal.

Era luz.

Não tinha dono.

Tinha pertencimento.

Não tinha casa.

Tinha território.

Era rua.

Era vento.

Era sol.

E mesmo assim,  
alguém achou que podia apagar.

Agora virou mártir.

Virou lenda.

É eterno.

R.Santi

R. Santi é heterônimo literário de Rodrigo Gomes Santos, escritor brasileiro, residente em Duque de Caxias (RJ). Professor universitário aposentado, é membro da Academia de Letras e Artes de Duque de Caxias (RJ). Premiado no Brasil e em Portugal por contos, crônicas e romances, dedica-se à prosa de ficção voltada aos conflitos humanos, à memória e à ética social.



## LIBERDADE ANIMAL

Tauã Lima Verdán Rangel<sup>1</sup>

Olho pela janela, nuvens cinzentas se movimentam no ar  
Uma sensação estranha invade-me, um querer sem par  
Encontrando na efervescência da vida o milagre criacional  
De uma liberdade sem barreiras, uma vontade sem igual

A profusão da criação de muitos olhares desafiadores  
Impelidos a refazer a essência como novos construtores  
Moldando-se na vontade de desnudar o desconhecido  
Conhecer novas pessoas, fazer um diferente amigo

Não com a racionalidade esperada em outra pessoa,  
Ao contrário, a entrega sem limites que no peito ressoa  
Em amigos de quatro patas dotados de tanta serenidade  
E um sentimento nobre entre os homens, pura fidelidade

Rompendo a monotonia em sua tradicional previsibilidade  
Desafiar-se, experimentar-se na essência da verdade  
De encontrar nos desafios cotidianos da vida a existência  
Refazendo-se por inteiro, mudando a humana essência

---

1 Pós-Doutor em Sociologia Política e em Políticas Sociais, ambos pela Universidade Estadual do Norte Fluminense. Mestre e Doutor em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal Fluminense. Professor Universitário, Pesquisador e Autor, pela Editora Iole, da coleção “Escritos Jurídicos” sobre o Pós-Pandemia (2023), sobre Emergências Sociais (2022), sobre Justiça Social (2022), sobre Liberdade Familiar (2022), em tempos de Pandemia (2022), sobre Vulnerabilidade (2022), sobre Sexualidade (2021), sobre Direitos Humanos (2021), sobre Meio Ambiente (2021), sobre Segurança Alimentar (2021) e em Tempos de Covid-19 (2020). Autor, pela Editora Pimenta Cultural, da coleção “Direito em Emergência” (v. 1, 2 e 3) (2020, 2021 e 2022). Autor dos livros: Segurança Alimentar e Nutricional na Região Sudeste (Editora Bonecker, 2019); e Fome: Segurança Alimentar e Nutricional em pauta (Editora Appris, 2018). Correio Eletrônico: taua\_verdan2@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8802878793841195>

Fugindo da selva de pedra e concreto embrutecida  
Desintoxicando-se da vida tóxica, duma loucura corrida  
Em padrões e formatos se adequar necessariamente  
Rompendo as amarras de uma prisão social de repente

O cheio do mato verde e vivo, o ar puro invade o pulmão  
Uma troca arrebatadora, desfaz todo o peso da poluição  
Todas as convencionalidades de uma vida sem objetivo  
Vendo na simplicidade da vida um escopo, de fato, altivo

Infinitas possibilidades se revelam na liberdade animal  
Na vontade audaciosa de seguir o trajeto de forma total  
Sem amarras, sem medo, sem pesos desnecessários  
Trazendo consigo apenas um sentimento tão libertário

Provar o gosto da natureza em sua forma pura e original  
O sabor da água gelada invadindo a boca tão natural  
O sopro do vento em um bailado convidativo e surreal  
O paladar da fruta nascida, uma ode ao ser ancestral

Os sentidos aguçados pela experiência duma vida nova  
Clama por chama crepitante, um fogo que nos renova  
Experimentando a vivacidade de infinitas sensações  
Ouvindo os sons, sentindo os cheiros e as palpitações

Voar pelos céus azuis em um intrépido desafio de se recriar  
Com as plumas guiadas pelo vento feroz a movimentar  
Numa imensidão cerúlea pelo firmamento curvo a plainar

Ou por nuvens de tempestades uma sensação vivenciar

Nadar por águas quentes, frias ou mornas a experimentar

Vendo, no fundo mais obscuro do oceano, a vida se formar

Em mil cores e tons, os olhos a pluralidade de formas a fitar

Bailados e movimentos compassadamente apresentar

Correr pela campina verdejante com brisas em lufadas

Soprando pela face curiosa e ávida, a alma libertada

Experimentando apenas o milagre da plural vida animal

Com muitas sensações incutidas, uma essência imortal

No experimentar a sensação ardente e desértica abrasada

Das dunas de movimentações sibilantes apresentadas

Com a substância arenosa em uma constante reconstrução

Refazendo-se por inteiro em honra à vida, à infinda criação

Sensação das irises dilatando pelo extinto da sobrevivência

Experimentar o uivo em açoite que anuncia uma vivência

Lendo as mil faces da natureza numa borbulhante explosão

Vida revelada em pequenos segredos ou grande dimensão

Liberdade em instinto primitivo e sedento no caminho

Corre sem medo, sem punição, em total desalinho

Encontrando na vida animal o reflexo de uma evolução

Não pela racionalidade pura, mas pela compaixão



CHAMADA ABERTA PARA 2ª EDIÇÃO ATÉ  
28 DE FEVEREIRO DE 2026.

VENHA NOS FAZER FELIZES!

AJUDE-NOS A COMBATER OS MAUS-TRATOS A  
ANIMAIS E MEIO AMBIENTE! DENUNCIE!



## BIOGRAFIA DA ILUSTRADORA

**Christina Ramalho**

Poeta, fotógrafa, artista visual e professora

<https://www.ramalhochris.com/>

# Expediente

Revista Barbante  
Vol. I - Nº 01 - 02 de fevereiro de 2026

ISSN XXXX-XXXX

Periodicidade: Mensal

Editora-chefe

*Rosângela Trajano da Silva*

Editora-adjunta

*Janiara de Lima Medeiros*

Revisão

*Dos autores*

Conselho editorial

*Maria Reilta Dantas Cirino*

*Shirlene Santos Mafra Medeiros*

*Maria Emília Monteiro Porto*

Webmaster/Webdesigner

*Danda Trajano*

Ilustrações

*Odilon Redon*

Autor corporativo

Rosângela Trajano

Natal – Rio Grande do Norte

\*\*\*\*\*

Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

